



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANDREIA NERI DE SANTANA RODRIGUES

**PERSPECTIVAS E OLHARES ACERCA DA MORTE E DO LUTO NA
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS**

CHAPECÓ

2021

ANDREIA NERI DE SANTANA RODRIGUES

**PERSPECTIVAS E OLHARES ACERCA DA MORTE E DO LUTO NA
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão I. Sob a orientação da Professora Dra. Maria Lúcia Marocco Maraschin

CHAPECÓ

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rodrigues, Andreia Neri de Santana
PERSPECTIVAS E OLHARES ACERCA DA MORTE E DO LUTO, NA
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS / Andreia Neri de Santana
Rodrigues. -- 2022.
44 f.:il.

Orientadora: Doutor Maria Lucia Marocco Maraschin

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2022.

1. Concepções de morte, perdas e luto. 2. O luto na
educação das crianças. 3. A morte, as perdas e o luto na
formação de professores. I. Maraschin, Maria Lucia
Marocco, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

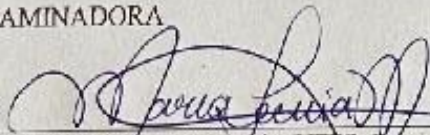
ANDREIA NERI DE SANTANA RODRIGUES

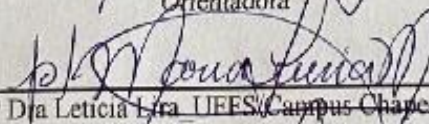
**PERSPECTIVAS E OLHARES ACERCA DA MORTE E DO LUTO NA
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS**

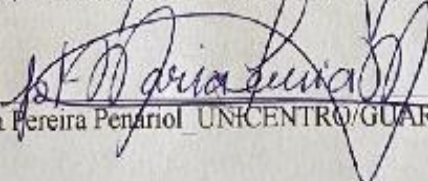
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal
da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 09/03/2022.

BANCA EXAMINADORA


Dra. Maria Lucia Marozco Maraschin UFFS Presidente da Banca e
Orientadora


Profª Dra Leticia Lira UFFS/Campus Chapecó(SC)


Profª Dra. Marita Pereira Penariol UNICENTRO/GUARAPUAVA/PR

A escola é local por excelência de socialização para crianças, por isso deveria oferecer suporte a alunos que vivem processos de perda e morte. O acolhimento é essencial para ajudar a significar perdas, promovendo prevenção de sofrimento, em parceria com os pais. Para Parkes (1998), é fundamental que a comunidade possa ajudar pessoas enlutadas e, no caso de crianças e jovens, a escola é parte integrante desse processo. (KOVÁCS, 2012, p. 76).

RESUMO

Este estudo acerca das elaborações de luto, morte e do morrer inerentes ao processo formativo destinado a formação de professores e/ou aos profissionais da educação, busca conexão e suporte em outros movimentos formativos já constituídos em outras áreas de formação e/ou atuação profissional, tais como as áreas da saúde, as quais lidaram/lidam com esta perspectiva como processo constitutivo de sua atuação/formação. Por meio de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, esta busca fora realizada na base eletrônica da Scielo, no recorte temporal das duas primeiras décadas do século XXI. Metodologicamente realizamos um estudo do tipo “estado do conhecimento”, o qual, de acordo com Ferreira (2002), caracteriza-se por pesquisar estudos de caráter bibliográfico que têm o desafio de mapear e discutir a produção acadêmica em diferentes campos. A sustentação teórica deste estudo ancora-se particularmente em Kovács (1992) e Torres (1979), dentre outros. A análise e interpretação dos resultados deste estudo, amparam-se na orientação da Análise de Conteúdo, sintetizada por Trivinõs (1987). Como resultado desta busca, catalogamos 23(vinte e três) artigos, ancorados nas expressões de busca: formação de professores; morte e criança e luto. Em razão disso, é possível destacar que ainda assim, há um silenciamento relativo à discussão, tanto por parte dos profissionais que atuam diretamente nas questões relacionadas à morte, as perdas e ao luto, quanto aos que indiretamente são atingidos e/ou lidam com questões relativas à discussão. Dado que este estudo buscava identificar a participação, o envolvimento dos profissionais da educação, é que também buscamos a presença das crianças nos estudos relativos à elaboração desta realidade. Destacamos um cerceamento destas, nesta circunstância da vida. Cabe-nos destacar que a morte, as perdas e o luto, são assuntos difíceis de serem tratados particularmente com as crianças, e se a sociedade se nega a falar da morte e suas representações, tal assunto também repercute no âmbito educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Morte e Educação. Morte na Educação de Crianças. Formação de professores.

ABSTRACT

This study is about the elaborations of mourning, death and dying inherent to the training process aimed at the training of teachers and/or education professionals, seeks connection and support in other training movements already constituted in other areas of training and/or professional performance, such as the health areas, which dealt/deal with this perspective as a constitutive process of their performance/education. Through qualitative, exploratory research, this search was carried out in the electronic database of Scielo, in the time frame of the first two decades of the XXI century. Methodologically, we carried out a study of the “state of knowledge” type, which, according to Ferreira (2002), is characterized by researching bibliographic studies that have the challenge of mapping and discussing academic production in different fields. The theoretical support of this study is particularly anchored in Kovács (1992) and Torres (1979), among others. The analysis and interpretation of the results of this study were supported by the guidance of Content Analysis, summarized by Trivinõs (1987). As a result of this search, we cataloged 23 (twenty-three) articles, anchored in the search expressions: teacher education; death and child and mourning. As a result, it is possible to

highlight that, even so, there is a silencing regarding the discussion, both on the part of professionals who work directly on issues related to death, losses and grief, as well as those who are indirectly affected and/or deal with issues relating to the discussion. Given that this study sought to identify the participation and involvement of education professionals, it is because we also sought the presence of children in studies related to the elaboration of this reality. We highlight a restriction of these, in this circumstance of life. It is worth noting that death, loss and grief are difficult issues to be dealt with, particularly with children, and if society refuses to talk about death and its representations, this issue also has repercussions in the educational field.

KEYWORDS: Death and Education. Death in Children's education. Qualifications of teachers,

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CAMINHO METODOLÓGICO	11
3 OLHARES E PERSPECTIVAS ACERCA DO LUTO, DESAFIOS NA E PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS	13
3.1 CONCEPÇÕES DE LUTO, DE MORTE E DO MORRER	13
3.3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL E INSTITUCIONAL ATENTAS ÀS ELABORAÇÕES DE LUTO	23
4 O QUE DIZEM OS ESTUDOS INVENTARIADOS, QUE INQUIETUDES, OCUPAÇÕES E PREOCUPAÇÕES, REVELAM ACERCA DO LUTO, DA MORTE	26
4.1 ABORDAGENS DOS PROCESSOS DE LUTO: PERCEPÇÕES E SINALIZAÇÕES	26
4.2 ÁREAS, INSTITUIÇÕES E PROFISSIONAIS INQUIETOS(AS) ANTE A TEMÁTICA	31
4.3 MOVIMENTOS FORMATIVOS: REFLEXÕES E SINALIZAÇÕES	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41

1. 1. INTRODUÇÃO

Empiricamente e eticamente, a morte e a vida configuram-se em fenômenos naturais, os quais andam e acontecem lado a lado de todo e qualquer ser humano. Isso posto, nos permite igualmente afirmar, que o cotidiano da vida é permeado por ganhos e por perdas: de amigos, de animais, de objetos, de familiares, o que coexiste entre outros sentimentos e elaborações, que marcam substancialmente a existência humana. No contexto atual, mais especificamente, vivendo mundialmente em um processo pandêmico da *Covid-19* como o que vivemos nos anos de 2020, 2021 e ainda em 2022, associado à não vivência de rituais de despedida, marcados circunstancialmente como exigência sanitária, estas demandas carecem de um olhar respeitoso e atento, sem minimizá-lo e/ou ignorá-lo, como fenômeno natural, algo que nos acontece!

Valemo-nos deste momento para problematizar algumas seguintes questões: como os que tiveram perdas de entes queridos neste período se sentem? Como estas questões foram abordadas nos processos educativos vigentes nos diferentes níveis de ensino? Como as crianças particularmente elaboraram este “desaparecimento” súbito, sem ter participado diretamente destes rituais? Sem às vezes receber as orientações e esclarecimentos que lhe eram devidos? Estas e outras perguntas poderão ser objetos de nossos estudos e cuidados, particularmente com as crianças, cuja compreensão requer construção ética e sem evasivas. As indagações aqui registradas, demandam reflexões sistemáticas, dada a existência de uma pandemia, vivenciada em parceria com a escola, por meio do ensino remoto. Embora virtualmente, tenham havido esforços, algumas situações careceram de colhimento e cuidado.

Considerando as peculiaridades de um processo inicial de formação de professores, demandado pelo Curso de Pedagogia, a intencionalidade deste estudo/processo de iniciação científica, coloca-nos lado a lado, mesmo que ocasionalmente, com os estudos da tanatologia¹, ocupação destinada aos profissionais de saúde e educação, em decorrência das demandas naturais ou não, desta especificidade. A ocupação selecionada objetiva situar a problemática no âmbito da educação, buscando compreender as implicações desta elaboração na vida das crianças, particularmente por meio de processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Destacamos outrossim que a discussão em tela, objetiva constituir-se num exercício inicial acerca dos múltiplos processos que cotidianamente cercam a vida, a morte e as necessidades de todo e qualquer sujeito humano. A ocupação com a singularidade das mortes,

¹ É o estudo científico da morte. Ela investiga os mecanismos e aspectos forenses da morte, tais como mudanças corporais que acompanham o período após a morte, bem como os aspectos sociais e legais mais amplos. Sugerimos aprofundar leitura acerca desta singularidade em Torres (1999)

do luto e das perdas, são elaborações simbólicas/reais inerentes e que perpassam o processo formativo de todos os seres humanos, razão pela qual nos ocupamos desta discussão.

Problematizar tão complexa realidade e assumir os desafios consequentes significa reconhecer que a dinâmica do ganhar e do perder, do ter e do não ter, do viver e do morrer, fazem parte da dinâmica do existir, sem direito a algumas escolhas prévias e/ou acordadas. No entanto, lidar com a dureza destes e de outros fatos requer aprendizado de ordens diversas, muitas vezes marcadas por elaborações, que sozinhos não conseguimos fazer. Em razão disso, dadas as particularidades do momento vivido pela humanidade, mergulhada num cenário pandêmico, nos propomos a buscar contribuições de ordens teórico/práticas para responder a uma indagação, aqui apresentada como problema de pesquisa: **Como os processos de morte, perdas e de luto, são abordados na literatura e que contribuições trazem à formação do(a) pedagogo(a), à formação de professores?**

Definimos como objetivo geral deste exercício: Analisar as concepções de morte, perdas e de luto produzidas e publicizadas na literatura nacional, dando destaque às necessidades de informação/conhecimento para a formação para o Curso de Pedagogia. Como objetivos específicos delimitamos: Buscar na literatura disponível junto às áreas inquietas contribuições para a formação inicial do pedagogo acerca das elaborações emanadas de morte, perdas e luto; construir um quadro sinóptico acerca das produções que abordam questões relativas à morte, ao luto e às perdas, nas diferentes áreas, dando prioridade às ocupações relativas à infância na base eletrônica da Scielo; compreender como os profissionais da educação envolvidos com as situações de morte, perdas e luto abordam essa questão com as crianças; situando-as a partir de lugares e processos de representação desta especificidade.

Tendo em vista a amplitude do problema, para melhor circunscrever o objeto de estudo definimos como questões de pesquisa: Quem são os autores que se ocupam da educação para a morte? Quais são as áreas inquietas e que exercícios sinalizam para cooperar com a compreensão e a vivência destes processos? Que movimentos formativos decorrem de processos desta natureza? Que papel cumprem os professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, junto às crianças, em decorrência de perdas de diferentes naturezas enfrentadas pelas crianças, em seus cotidianos? Como as crianças são percebidas e/ou envolvidas nestes processos? Que lugares e processos contribuem para esta representação?

Os compromissos e problematizações em destaque nos permitiram adentrar a discussões mormente silenciadas nos processos educativos relativos à infância e na formação inicial dos professores, buscas vinculadas às áreas e aos processos formativos inquietos, cujas abordagens

contribuem e põem em movimento realidades e processos vitais demandados a todos os sujeitos que vivem, cerceando a finitude da vida.

Destacamos, igualmente, que essa busca também nasce de uma necessidade /dificuldade de elaboração da morte de familiar e que a partir das implicações e dificuldades vividas na condição de sujeito adulto, recoloco no meu cotidiano esta ocupação junto às crianças. Na sequência, a pandemia, que forjou isolamento social, cerceou a vivência e a elaboração de rituais presenciais relativos à morte, como medida sanitária. A ocupação com a educação e o cuidado, acerca do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, nos induziu ao exercício que aqui sistematizamos, sensibilizados pela perspectiva do cuidado elencada por Boff (2012):

Se até agora vigorou o paradigma da conquista, a partir de agora deverá prevalecer o paradigma do cuidado. Se antes havia uma relação agressiva para com a terra, agora deverá ser de benevolência e de sinergia. A primeira e mais urgente missão de todos é salvar o sistema-vida e garantir a continuidade do sistema-terra, curar as feridas passadas e prevenir as futuras. (BOFF, 2012, p.77).

Em razão disso, adentramos a esta temática buscando no diálogo com autores que dela se ocupam situar caminhos possíveis para darmos visibilidade às ocupações/preocupações existentes de modo que, ao cuidarmos da vida, também possamos aprender a cuidar da morte, educando/sensibilizando a criança e os que a cercam, problematizando-a como exercício de busca e aprendizagem permanente.

O percurso metodológico do estudo situa o leitor acerca do processo formativo efetuado via iniciação científica, exercício que no Curso de Pedagogia, é viabilizado no percurso do CCRs_Trabalho de Conclusão de Curso I e II

2. CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, que de acordo com Severino (2000) apresenta os caminhos e opções adotadas na e pela pesquisa, tendo em vista responder a indagação proposta. Além disso, a proposição em tela dada as características de busca, configura-se também num exercício de pesquisa do “estado do conhecimento”, o qual, de acordo com Ferreira (2002), apresenta-se com o desafio de mapear e discutir a produção

acadêmica existente, inventariando e discutindo a produção catalogada sobre o tema, explicitando o silenciado e anunciando as categorias de estudo definidas *a posteriori*.

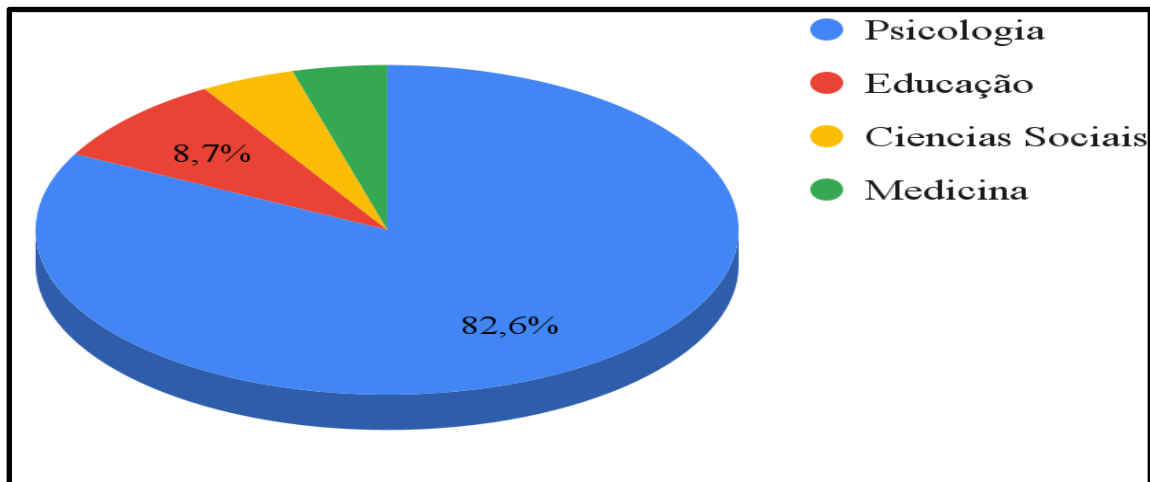
Quanto à fonte de pesquisa para este exercício de busca, definimos a base eletrônica da Scielo, tendo em vista buscar artigos atentos à temática/problemática em destaque. Como expressões de busca, definimos: formação de professores; morte e criança e luto. A busca empreendida deu-se nos meses de agosto a novembro de 2021.

Quanto ao recorte temporal para este exercício, definimos as duas primeiras décadas do século XXI, uma vez que estas décadas trouxeram, via redes sociais, uma multiplicidade de possibilidades de acesso a discussões muito raramente efetuadas nos séculos anteriores.

Quanto à análise e interpretação dos resultados optamos pela Análise de Conteúdo, com os cuidados e destaques efetuados por Bardin (1979) e posteriormente nos ocupamos da sintetização efetuada por Trivinõs (1987) caracterizada em: pré-análise (leitura integral de todas as produções selecionadas), análise categorial (releitura do exercício inicial, com agrupamentos das discussões) e análise inferencial (contribuições da pesquisadora, em atenção às ocupações planejadas).

Dado o recorte temporal, com as expressões de busca utilizadas na fonte acessada, localizamos 23(vinte e três artigos) acerca dos quais, temos a destacar que, o que nos surpreendeu quanto às produções foi sua circularidade nas áreas da saúde, particularmente na área da psicologia. No entanto, em relação à educação, a área carece substancialmente de atenção. Esta, aparece com a ocupação de 8.7%, entre as demais áreas inquietas. A ocupação com a morte, as perdas e o luto, embora amedronte, cause insegurança, se reflete igualmente na natureza e nas demais formas de vida humana, animal, dentre outras. O destaque cabe à Psicologia, com 82% dos trabalhos catalogados nesta base eletrônica, com as expressões de busca apresentadas.

GRÁFICO 1 - ÁREAS INQUIETAS DE ACORDO COM OS ARTIGOS CATALOGADOS



Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir dos estudos selecionados (2021).

Outros aspectos que perpassam os diferentes estudos da área e suas especificidades, serão apresentados como olhares e perspectivas acerca do luto, da morte em atenção às peculiaridades da infância, apresentadas no decorrer desta interlocução.

3 OLHARES E PERSPECTIVAS ACERCA DO LUTO, DESAFIOS NA E PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS

“[...] a vida e a morte fazem parte de um ciclo vital, enquanto as perdas fazem parte do cotidiano de qualquer um.” (Paiva, 2011, p.62)

3.1 CONCEPÇÕES DE LUTO, DE MORTE E DO MORRER

Abordar uma temática que, por si só, carrega medos, dor, ansiedade e que muitas vezes está implicada em mitos e fantasias, pressupõe buscar referenciais teóricos os quais permitem situá-la no conjunto de múltiplas possibilidades inerentes à vida e aos processos formativos dos sujeitos, cuja vida e morte são compreendidas como fenômenos inevitáveis, partem de uma mesma obra.

Embora a temática não seja tão fluente como parece, na literatura científica, identificamos que o tema morte, o morrer e seus rituais carregam consigo influências e referências de culturas distintas as quais tipificam povos, regiões, religiões, dentre outras interfaces as quais podem ser vistas e/ou vividas de várias maneiras.

Escrever acerca deste tema significa dizer e acreditar que “[...] A morte nos espreita de fora de cima, de lado de dentro. E o que nos incomoda, [assim] preferimos não vê-la.” (KOVÁCS, 1992, p. XIV). Ao problematizar a morte e dela nos ocuparmos significa também buscarmos a clareza da não imortalidade. Todos nós de uma ou de outra forma chegaremos a ela um dia, e/ou ela nos alcançará. Trata-se, pois, de reconhecer e assumir ser esta uma experiência intransferível.

A forma como a vemos certamente influenciará a nossa forma de ser. Entrelaçamos vida e morte, durante todo o nosso processo de desenvolvimento vital. Engana-se quem acredita que a morte só é um problema no final da vida, e que só então deverá pensar nela. Podemos, é claro, tentar esquecer, ignorar ou mesmo ‘matar’ a morte. Sabemos que a filosofia e o modo de viver do século XX pregam veementemente esta atitude, porém, com um sucesso relativo, como veremos. Na verdade, trata-se de um grande e inútil dispêndio de energia. (KOVÁCS, 1992, p. 02).

A afirmação de Kovács, acerca da prerrogativa da postergação e/ou da negação da morte, identificada como um dispêndio inútil de energia, nos permite refletir sobre a necessidade de reconhecê-la como parte do processo da vida humana. Discuti-la, reconhecê-la refletir sobre ela, independentemente do tempo, lugar, possibilidade e/ou modo de isso ocorrer, torna-se um imperativo ético, assim como quaisquer outros temas e problemas, nos quais possamos circunscrever a vida e/ou morte.

Nos mitos e lendas essa atitude é simbolizada pela morte do dragão ou monstro. Os heróis podem conseguir tal façanha, mas os mortais não. E o homem é um ser mortal, cuja principal característica é a consciência de sua finitude - isso o diferencia dos animais, que não têm essa consciência. Portanto, obnubilar, apagar essa consciência não seria um retrocesso? (KOVÁCS, 1992, p. 02)

A indagação feita pela autora identifica a negação como retrocesso, Ainda assim, cabe-nos ressaltar que diante das manifestações de ameaça, dor, sofrimento e ou situações similares, passamos a nos proteger de diferentes formas. As quais na psicanálise são compreendidas como mecanismos de defesa, identificados como: negação, repressão, intelectualização, deslocamento, enquanto isso for possível, ou seja, enquanto não formos surpreendidos pela supressão da vida: com a morte.

As defesas ao mesmo tempo que nos protegem do medo da morte, podem nos restringir. Há momentos em que o sujeito fica tão acuado que parece não viver. E esse não-viver, pode ser equivalente a morrer. Então surge uma situação paradoxal, em que a pessoa ‘está’ morta, mas ‘esqueceu’ de morrer: temos a chamada morte em vida. Com isso estamos brincando com as palavras vida e morte e com o seu entrelaçamento, mas que verdades profundas essas brincadeiras nos trazem! (KOVÁCS, 1992, p. 3).

A profundidade das demandas reflexivas sinaliza a necessidade de que o ser humano na plenitude da sua vida viva cada momento de modo que isso reverbere em favor das melhorias que demanda, dado o inacabamento e a incompletude humana sinalizada por Freire (1989). Em vista disso, a importância da vida e seus desafios se traduzem cotidianamente, dadas as singularidades do viver e do morrer.

A todo momento temos de escolher. A cada escolha que fazemos decretamos a morte de outra possibilidade não escolhida. Isso frequentemente nos traz ansiedade frente ao conflito de não podermos viver tudo ao mesmo tempo, de não podermos estar em mais que em um lugar ao mesmo tempo. O ser-aí morre cotidianamente todos os dias. (KOVÁCS, 1992, p. 146).

Situar a problemática da morte física e suas interfaces no campo educacional e, em especial, na educação das crianças, pressupõe compreender como as crianças percebem a vida e seus movimentos formativos. Tomando como ponto de partida o desenvolvimento humano, desde os primeiros meses de vida, a morte está presente nesse processo, quando a criança vivencia a ausência da mãe, a presença e ou ausência do cuidado, do afeto, do objeto quebrado, perdido no alcance do olhar, dentre outras perspectivas, tais como: Desmame, desfralde, a chegada de um irmão e a perda da exclusividade, mudança de cidade, de escola, de professor, e por aí em diante.

. O movimento formativo induz ao reconhecimento disso. Ocorre a não sinalização explícita, que silencia o possível.

Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada. Efetivamente não é capaz de sobreviver sem a mãe... esta primeira impressão fica carimbada e marca como uma das representações mais fortes de todos os tempos que é a morte como ausência, perda e separação e a consequente vivência de aniquilação e desamparo. (KOVÁCS, 1992, p. 3)

As sensações educativas e ou (des)educativas sinalizadas pela autora impõem aos educadores e aos pais e/ou responsáveis pelas crianças a necessidade de, sistemicamente, apresentar-lhes os processos de perda(s) como condições inerentes a todos e quaisquer momentos com os quais a criança venha a se deparar durante a vida de forma indistinta.

À medida que a criança processa o seu desenvolvimento afetivo e emocional, porém, experiencia as mortes efetivas que a rodeiam, tentando compreender o que se passa. Atualmente, acredita-se que a criança não sabe nada sobre a morte e que, portanto, deve ser poupada. No entanto, todas as crianças inadvertidamente já pisaram numa formiga e esta, esmagada, parou de se mexer. Diante disso, elas param e ficam observando, entre aterrorizadas e curiosas, o que aconteceu. Toda criança já ‘perdeu’

um passarinho, um gato, um peixe ou qualquer bicho de estimação. Percebeu então que ficaram ‘diferentes’ do que eram quando estavam vivos. (KOVÁCS, 1992, p. 5)

Toda e qualquer perda vivida pela criança é carregada de uma simbologia da morte: cabe-nos problematizar: por que silenciamos estes processos? Por que não dialogamos com naturalidade? Talvez para melhor compreendermos esta indagação, devêssemos fazer um retrospecto histórico sobre a morte na sociedade ocidental para enter a passagem da naturalização à negação problematizada. Sem considerar a morte de muitos familiares, que parecem desaparecer sem nenhuma explicação para as crianças. De acordo com Torres (1979, p.10), “a verdade é que não se pode afastar a criança da realidade da morte”. Talvez, o que tenhamos que fazer sejam aproximações de situações próximas e/ou distantes relativas à morte e ao morrer, de modo que a percepção vá sendo construída, sem que isso caracterize abandono, por parte de quem foi.

Além disso, podem morrer bisavós, avós, pais, irmãos, amigos e, nos noticiários e novelas da TV, inúmeras pessoas. Diferentes dos personagens de desenhos animados, que sempre renascem, aqueles jamais retornam. É uma tarefa muito difícil para a criança definir vida e morte, pois na sua percepção a morte é não-movimento, cessação de algumas funções vitais como alimentação, respiração; mas na sua concepção a morte é reversível, pode ser desfeita. Há diferenças entre vivos e mortos, mas os últimos poderão ser ressuscitados sozinhos ou com ajuda de alguém. Na realidade não é assim, os verdadeiros mortos não ressuscitam; como a criança consegue elaborar esta contradição? (KOVÁCS, 1992, p. 5)

Dentre os múltiplos desafios inerentes às concepções e ou noções da morte e das perdas, faz-se necessário olhar para a perspectiva da reversibilidade da morte, simulada em filmes, em jogos infantis, em brincadeiras que lhe são disponibilizadas, precisam ser discutidas a partir dos parâmetros da fantasia e da realidade. Por outro lado, bem sabemos que esta discussão é evitada entre os adultos e entre as crianças e com as crianças principalmente. “[...] o tabu não foi [nem será] totalmente vencido, e como consequência, o adulto não só adota atitude de negar a necessidade de comunicar a ideia de morte à criança como também tenta afastá-la magicamente dela” (TORRES, 1979, p. 10).

Considerando que a criança é um sujeito que percebe, interpreta, imita, assimila, cria, constrói e reconstrói entendimentos sobre diversos aspectos da vida social, respeitar sua inteligência significa oportunizar a ela a percepção também de fatos e processos que identifiquem a elaboração das perdas, a vivência da dor como processo de aprendizagem real, obviamente mediada pelo conforto, pelo abraço, pelo afeto em momentos de emoções alegres e tristes.

A fantasia de que a criança não assimila ou não se mobiliza com a realidade da morte é ilusória e não passa de negação ou minimização dessa realidade por parte dos adultos. Evitar falar sobre morte com a criança, prática comum atualmente, é extremamente prejudicial a ela, pois ela percebe as coisas, mas ainda se sente confusa em suas percepções e não tem com quem confirmá-las. (MELO, 2004, p. 26)

Para Kepler (2018), é fundamental a necessidade de acolher e de dar suporte à criança que vive o luto, bem como é importante deixar que aflorem suas emoções acerca da morte, do luto e das perdas naturais do processo de desenvolvimento e aprendizagem.

[...] é necessário deixá-la se manifestar por meio de perguntas, brincadeiras ou outras expressões não-verbais, para que ela possa expressar sua curiosidade e seu sofrimento. O silêncio pode ser prejudicial para ela, de modo que o adulto deve estimulá-la e apoiá-la, esclarecendo suas dúvidas e fornecendo o suporte necessário. (KEPLER, 2018, p. 58)

Sabemos de antemão que podemos omitir discussões acerca da morte, no entanto, não podemos tirar a morte da vida das crianças e/ou de quaisquer outros sujeitos. As crianças particularmente são as mais afetadas frente aos acontecimentos da morte, dadas às dificuldades de compreensão ante à perda de seus entes queridos, dos animais de estimação, das plantas, objetos, dentre outros seres vivos que ocupam lugares importantes em sua vida. A vivência destes acontecimentos e suas elaborações permitem compreensões distintas, de acordo com cada sujeito.

A morte se faz acompanhar de uma tentativa de explicação e, por outro lado, fortes emoções assolam quando de seu acontecimento. A dor acompanha as mortes e o processo de luto se faz necessário; a criança também processa as suas perdas, chora, se desespera e depois se conforma como o adulto. Certamente não expressará a sua dor, se não souber que aconteceu uma morte, entretanto a criança percebe que algo aconteceu pois todos estão agindo de uma forma diferente (KOVÁCS, 1992, p. 4)

Torres (1979) afirma em relação às crianças, no atinente à morte, que a preocupação inicial cabe àqueles que com elas lidam, enfatizando que o cuidado na maneira de falar com a criança deve estar atrelado à sua aptidão para compreender. A autora afirma ser necessário um olhar sensível e investigativo, isto é, criar situações para que a criança possa demonstrar ou representar seus entendimentos acerca da morte.

Outra perspectiva interessante apontada pela autora emerge da necessidade do adulto compreender o comportamento de luto das crianças. Esta representação ou vivência vai variar de acordo com o entendimento ou a significação que tem da morte. Por isso, é importante que a criança vivencie, esse momento de perda, por mais difícil que seja, bem como haja a

possibilidade de expressar seus sentimentos enquanto sujeito inteiro, que sofre, que ri, que chora, que grita, que cala, que sente medo, precisa ser acolhida e respeitada.

Kovács (1992) dá destaque em seus estudos ao quão prejudicial pode ser para as crianças ocultar uma notícia de morte dificultando a elaboração do luto. Nesta direção, a afirmação de Butler (2018, p. 32-33) reitera que “[...] o luto serve à vida que já foi vivida e pressupõe que essa vida já está terminada”. Porém, “[...] o fato de ser passível de luto, é uma condição do surgimento e da manutenção de uma vida.” Cabe-nos aqui afirmar a indissociabilidade entre as dimensões da vida e da morte, normalmente tratadas como dimensões dissociáveis.

Para Kovács (2012, p. 76) “[...] o luto é um processo íntimo e individual não podendo ser tratado de maneira única e da mesma forma para todos os indivíduos, pois as direções adotadas dependem da religiosidade, da cultura e da família”. O respeito às singularidades destes processos e suas elaborações são percebidos e analisados à luz dos referenciais das áreas que desta especificidade se ocupam.

A temática em discussão ancora-se dentre os múltiplos compromissos anunciados por Boff (2012), quando referencia à emergência do cuidado em tempos de crise, sejam elas de quais natureza o forem. “Constata-se outrossim que a categoria cuidado vem ganhando força sempre que emergem situações críticas. É ele que permite que as crises se transformem em oportunidades de purificação e de crescimento, e não em tragédias fatais” (BOFF, 2012, p. 23).

Especificamente em situações de crise, as crianças revelam necessidade de compartilhar seus medos, angústias, fantasias e sentimentos. Nessas horas, o cuidador deverá estar preparado para transmitir e propiciar a esses pequenos seres conforto, segurança e força para continuar. (LIONE, 2005, p. 42, apud KOVÁCS, 2003, p. 2)

Nesta perspectiva, compreendemos ser a escola enquanto um estabelecimento, um lugar físico, delimitado por paredes pode e deve vir a se constituir em uma grande aliada no auxílio aos estudantes, principalmente as crianças, envolvidas em situações que necessitem de cuidados, tais como: perda de familiares, de animais de estimação, morte de colegas por adoecimento ou acidente, vítimas de bullying, violência, humilhação, alienação parental etc. Há, pois, uma multiplicidade de fatores, processos e exercícios, que demandam atenção e cuidado por parte dos profissionais e da escola, o que também requer formação específica para tal.

Não há dúvida de que a instituição escolar, ao menos no mundo moderno e na contemporaneidade, detém a centralidade nos processos educativos. Ainda que falemos em educação extraescolar- fora da escola, em outros espaços -, ainda que tratemos de fenômenos mais ou menos localizados no tempo e no espaço - como as

propostas de educação doméstica (homeschooling) -, ainda que, em vários contextos, se enfatize uma educação não formal (ou informal), é inegável que ao tratar de educação em nossos dias, a escola é incontornável. (GALLO; MENDONÇA, 2020, p. 7)

Ao abordarmos a importância e a função social da escola, precisamos igualmente atentar para as questões pessoais e profissionais do professor, e para os processos sistemáticos de escolarização, entendemos também que dentre suas atribuições se configuram outras perspectivas, amparados no cuidado, relação distinta, que envolve sentimentos, acolhimento e encaminhamentos específicos. Cuidado esse que é:

[...] exigido em particularmente todas as esferas da existência, desde o cuidado com o corpo, dos alimentos, da vida intelectual e espiritual, da condução geral da vida até ao atravessar uma rua movimentada. Como já observava o poeta romano Horácio, o cuidado é aquela sombra que sempre nos acompanha e nunca nos abandona, porque somos feitos a partir dele. (BOFF, 2012, p. 27)

Em busca do cuidado ensejado é que reside esta preocupação, no que se refere à formação do professor para ocupar-se e/ou repensar as questões relativas à morte, ao luto, as perdas junto aos educandos, público-alvo, do Curso de Pedagogia, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A formação do educador precisa ser repensada para incluir a questão da morte, luto, comportamentos autodestrutivos e formas de acolhimento de crianças e adolescentes vivendo estas experiências. O educador com atitude empática pode ser mediador de conversas entre [crianças] e adolescentes, tornando a morte familiar. Quando se fala em preparo para lidar com a morte, não se propõem receitas, ou respostas gerais. Trata-se de questionamento, autoconhecimento, sensibilização e abertura pessoal. (KOVÁCS, 2012, p. 76)

Os questionamentos, o autoconhecimento, a sensibilização e a abertura pessoal para os diálogos relativos ao objeto de estudo em destaque, podem vir a se constituir em objetos de ocupação, assim como nos ocupamos do ensinar e do aprender em suas múltiplas interfaces. Neste sentido, a escola, pode e deve acolher as singularidades num exercício formativo que se inter/complementa na relação família, instituições e a sociedade.

A escola é local por excelência de socialização para crianças, por isso deveria oferecer suporte a alunos que vivem processos de perda e morte. O acolhimento é essencial para ajudar a significar perdas, promovendo prevenção de sofrimento, em parceria com os pais. Para Parkes (1998), é fundamental que a comunidade possa ajudar pessoas enlutadas e, no caso de crianças e jovens, a escola é parte integrante desse processo. (KOVÁCS, 2012, p. 76).

Ao ajudar a fazer as elaborações provenientes das discussões acerca do luto e das perdas no curso de Pedagogia, passamos a assumir a integralidade da função social da escola e dos profissionais atentos às crianças e aos desafios vividos cotidianamente, particularmente o proposto.

Educadores precisam entrar em contato com sua visão de morte, e seus processos de luto, já que exercem influência significativa em seus alunos, atentos às suas palavras e ações. É importante haver espaço para emoções e sentimentos, favorecendo a comunicação. (KOVÁCS, 2012, p.75)

Tendo em vista que a educação escolar vai muito além de uma preparação profissional, a escola também desempenha a difícil tarefa de ajudar os sujeitos a enfrentar seus medos e a si mesmo (GALLO; MENDONÇA, 2020, p. 20). Nesse sentido, a escola desempenha importante papel ao transmitir informações, mas também oportuniza metamorfoses individuais nos alunos levando-os a refletir sobre a realidade de maneira crítica, abrangendo os campos cognitivos, afetivos, familiares etc. (RODRIGUEZ, 2010, p. 77).

A morte, enquanto acontecimento na vida dos seres humanos, é um tema significativo, pois, ao longo da vida inevitavelmente será necessário lidar com as perdas, um dia teremos a perda de algo e/ou alguém. Desse modo, a temática da morte trabalhada na escola auxilia no desenvolvimento cognitivo, mental, afetivo, na constante construção do ser humano ao longo da vida, nas suas significações e entendimentos.

Para que os educadores possam trabalhar com o tema da morte nas escolas é preciso disponibilidade para o novo e para o mistério que compõem a singularidade dos indivíduos nos vários momentos de suas vidas. A capacidade de conviver com o novo e com o diferente é poder acompanhar o curso da vida. Falar da morte não é tarefa fácil, porém na dificuldade deste ato, há a possibilidade de crescimento pessoal que é um dos propósitos da nossa existência. (RODRIGUEZ, 2010, p. 67)

É fato que a temática da morte é um grande desafio, mas também é uma necessidade, visto que é algo inerente à vida. Ao mesmo tempo que o exercício de trabalhar com essa temática abre possibilidades de significações e construções importantes para si próprio e para os outros, é preciso acessar conhecimentos das diferentes áreas, tendo em vista a multiplicidade de olhares que contribuem substancialmente com a elucidação desta temática/problemática.

Para melhor compreender as concepções e entendimentos que elucidam as compreensões buscadas, desejamos igualmente saber quais seriam as áreas inquietas ante o tema e que contribuições poderiam trazer ao Curso de Pedagogia, uma vez que seu público-alvo requer atenção e cuidado. De acordo com Boff (2012, p. 39), “Como se deduz, o cuidado

está ligado a questões vitais que podem significar a destruição de nosso futuro ou a manutenção de nossa vida sobre este pequeno e belo planeta”.

3.2 DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES FORMATIVAS

Discutir os processos e as elaborações de luto no Curso de Pedagogia significa reconhecer que no âmbito da diversidade humana e das possibilidades inerentes aos processos de ensino e aprendizagem múltiplas são as escolhas e circunstâncias que requerem adaptação inerentes às perdas que colocam o ser humano, criança e/ou adulto, em processo de sofrimento e/ou de vivências obrigatórias.

Abordar a morte, o luto e/ou quaisquer perdas, exigem elaborações distintas, as quais pertencem a cada sujeito e/ou situação. Entendemos ser o luto um processo inerente à vida das pessoas, visto que teremos que vivenciá-lo um dia ou outro. Refletir sobre esse tema é desafiador, particularmente para os professores que atuam junto a crianças na Educação Infantil e/ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Kovács (1992), ao tentar facilitar a discussão, conforme destacado anteriormente, descreve a morte como algo que vem sendo negado, escamoteado, escondido, não nomeado, ainda caracterizado como tabu.

Ainda segundo Lôbo e Anghebem (2014), a morte pode ser vista como o fim da vida humana, é quando o indivíduo perde de maneira irreversível a sua identidade, ela faz parte de um processo de construção social, biológico e cultural da humanidade. As autoras destacam ainda que cada sujeito de um grupo compreende e interpreta suas experiências conforme sua cultura recebendo influências de várias vertentes (religiosa, cultural e histórica, dentre outras).

As pesquisas sobre o luto apontam que as perdas interferem no nosso cotidiano desorganizando o fluxo contínuo da vida. Ainda de acordo com as autoras citadas, o luto pode ser reconhecido como um conjunto de ações e reações perante uma perda significativa, geralmente pela morte de outro ser. Quanto maior o apego ao ser e/ou pelo objeto perdido, maior o sofrimento do luto. Parkes (2009), dentre as suas múltiplas contribuições destaca que a morte, o luto são o preço que se paga pelo amor. Dessa forma, quando maior o apego e o amor investido, maior o sofrimento.

Kovács (2016) discorda em omitir esse tipo de discussão às crianças, pois, segundo ela, a morte manifesta-se em múltiplas faces e/ou interfaces, as quais não podem, nem devem, ser silenciadas. O desafio está em compreender e/ou aprender como atuar neste campo.

Distúrbios psíquicos podem se manifestar como sintomas físicos e médicos são procurados por pessoas enlutadas com vários sintomas incluindo: depressão, insônia, anorexia, aumento no uso de álcool e drogas. Estes sintomas são relacionados ao processo de luto e não vistos como doença. (KOVÁCS, 2016, p. 402).

Entendemos, outrossim, que a negação da vivência e/ou das elaborações do luto podem vir a desenvolver sintomas que impactam na saúde física e mental dos enlutados. É oportuno destacar que o cuidado com as implicações decorrentes da morte, das perdas e do luto, ainda aparece marginalizado, particularmente nos processos educativos. Profissionais da área médica são os que, em tese, se ocupam desta especificidade, dada às circunstâncias que os aproximam: saúde, doença, cuidados, cuidados paliativos e a própria morte.

No mundo ocidental a morte ainda é vista como tabu. De acordo Elisabeth Kubler-Ross (1996), médica e pioneira nos estudos sobre a morte, vivemos em uma sociedade propensa a ignorar e não aceitar o fim da vida, onde a morte é vista como algo medonho, pavoroso e universal. Em razão disso, a autora destaca a importância de comunicar o acontecido às crianças, permitindo que elas compreendam e façam as elaborações devidas, uma vez que não há como ignorarmos um processo tão natural quanto a própria vida: a mortalidade.

O fato de permitirem que as crianças continuem em casa, onde ocorreu uma desgraça, e participem da conversa, das discussões e dos temores, faz com que não se sintam sozinhas na dor, dando-lhes o conforto de uma responsabilidade e luto compartilhados. É uma preparação gradual, um incentivo para que encarem a morte como parte da vida, uma experiência que pode ajudá-las a crescer e amadurecer. (KUBLER-ROSS, 1996, p. 18).

Obviamente acreditamos que estas elaborações devam dar-se na medida e nas condições de compreensão das crianças. Sendo que, muitas vezes são complexas para serem mensuradas, dado o processo individual de elaboração de cada sujeito. Entendemos aqui o termo preparação como algo “perverso”, no entanto, também inerente às elaborações e vivências de um humano em processo de humanização permanente.

Culturalmente esta possibilidade relativa à vivência e participação nos rituais e/ou vivências da morte, do luto, diferem de um grupo, de uma cultura e de uma família para outra. Diríamos ainda que difere em membros de uma mesma família, pois o luto é uma experiência única e singular e o modo de vivenciar esse luto dependerá de inúmeros fatores sejam eles internos ou externos. O desafio reside em como abordar, como intervir, como auxiliar, como educar para esta situação. Tratar desta temática problemática como exercício educativo/formativo nos situa na discussão. O que aparentemente parece óbvio, fácil, não o é, quando precisamos assumir a perda de algo ou alguém como condição existencial. Em geral,

ao longo da vida, não somos educamos para perder. Nesse sentido, a morte é sinônimo de fracasso. E, para quem vivencia a perda, é algo dilacerador.

Dentre os argumentos apresentados, trazemos as peculiaridades da pandemia em curso, no país e no mundo, cujas famílias são literalmente coibidas, como medida sanitária, de participar, vivenciar dos e nos rituais de morte relativos à sua cultura. No atual cenário pandêmico, não temos a possibilidade de honrar minimamente nossos entes queridos e oferecer uma despedida digna em razão disso, indagamos: Como estes processos impactarão na vida da humanidade, das famílias e das crianças particularmente neste cenário? Como atuamos para elucidar este processo nas escolas? Que contribuições podem ser ativadas em decorrência deste apagamento de memórias e vivências, como se fossem frutos que caem de uma árvore e apodrecem?

Desejamos, outrossim, buscar contribuições junto às áreas que se ocupam deste objeto de estudo, tendo em vista trazer para dentro do curso de Pedagogia possibilidades de vivências relativas a espaços, tempos, culturas, reflexões as quais nos permitam iniciar um debate.

3.3. ATUAÇÃO PROFISSIONAL E INSTITUCIONAL ATENTAS ÀS ELABORAÇÕES DE LUTO

A temática em discussão ancora-se dentre os múltiplos compromissos anunciados por Boff (2012), quando referencia a emergência do cuidado em tempos de crise. “Constata-se outrossim que a categoria, cuidado vem ganhando força sempre que emergem situações críticas. É ele que permite que as crises se transformem em oportunidades de purificação e de crescimento, e não em tragédias fatais” (BOFF, 2012, p. 23).

E em carecendo do cuidado ensinado é que reside esta nossa busca, no que se refere à formação do professor para ocupar-se e/ou repensar as questões relativas à morte, ao luto, às perdas junto aos educandos, destinação do Curso de Pedagogia.

A formação do educador precisa ser repensada para incluir a questão da morte, luto, comportamentos autodestrutivos e formas de acolhimento de crianças e adolescentes vivendo estas experiências. O educador com atitude empática pode ser mediador de conversas entre [crianças] e adolescentes, tornando a morte familiar. Quando se fala em preparo para lidar com a morte, não se propõem receitas, ou respostas gerais. Trata-se de questionamento, autoconhecimento, sensibilização e abertura pessoal. (KOVÁCS, 2012, p. 76)

Ao se comprometer com os processos de elaboração provenientes das discussões acerca do luto e das perdas passamos a assumir a integralidade da função social da escola e dos

profissionais atentos às crianças. Rodriguez (2010) sinaliza em um de seus estudos sobre o tema da morte no contexto escolar, que se trata de uma discussão recente, mas que as experiências propostas ainda estão sendo produzidas e/ou refletidas a partir das demandas, que requerem sensibilização por parte dos educadores, favorecendo um diálogo no e com o processo de luto.

A autora citada aborda três situações de morte que podem ser compartilhadas nas escolas e que podem ser experiências vividas pelos alunos: morte concreta, morte simbólica e morte escancarada. a) Em relação às **Mortes concretas**: ocupa-se da morte de pessoas relevantes na vida dos educandos, tais como morte de familiares, amigos, ídolos e animais de estimação; b) **Mortes simbólicas**: exemplificada como “mortes em vida” devido às frustrações e expectativas não correspondidas, tais como, nascimento de um irmão, mudança de escola de cidade ou de casa, adoecimento, separações de pais, amigos e familiar etc. e sentimentos negativos por algo perdido; c) **Mortes escancaradas**: vistas nas ruas, nos noticiários, em situação de violência, exibidas de maneira banal, com relatos trágicos e sem filtros, suscitando sentimentos de vulnerabilidade. A proposição da autora possibilita a vivência real e simbólica e o impacto destas na relação com as crianças. E o quanto isso se tornou evidente na pandemia! A exibição de botetins diários nos jornais televisivos, nas mídias sociais, demonstrando a situação nacional, estadual e/ou municipal.

Ainda Rodriguez (2010) destaca que, em relação às mortes escancaradas, estas são vistas como necessidade de coexistência em decorrência das mais variadas formas de violência que se impõem no convívio público e que através da mídia nos tornamos “co-espectadores involuntários” dos padecimentos exibidos através de imagens chocantes publicizadas. Sabemos que diante desses fatos todos, sem exceção, estão expostos a esses tipos de morte e, como aponta, a escola é um local de excelência na elaboração dessa problemática.

Penso que a escola pode se constituir num importante espaço para os educadores discutirem estes eventos com os alunos, propiciando a reflexão crítica, a legitimação e a expressão de sentimentos. A escola pode ajudar a dignificar os depoimentos e testemunhos sobre a morte. (RODRIGUEZ, 2010, p. 82)

A discussão em voga permite incluir a criança enquanto ser social, histórica e culturalmente situada e que, infelizmente, presencia as categorias de morte elencadas, sejam elas concreta, simbólica e/ou escancarada.

Nesse aspecto, é importante compreender qual a função da escola e dos profissionais da educação, bem como, compreender as inclusões e/ou exclusões presentes nos currículos escolares, nas diferentes instâncias e níveis quanto à abordagem do tema.

Organizada a abordagem teórica do estudo, quanto às concepções, desafios e realidades formativas, atentas às elaborações de luto, morte e o morrer, bem como as possibilidades de atuação e formação profissional, adentramos as indagações organizadas, tendo em vista buscar constructos acerca do como lidar com esta realidade da vida: a morte, particularmente junto às crianças.

4. O QUE DIZEM OS ESTUDOS INVENTARIADOS; QUE INQUIETUDES, OCUPAÇÕES E PREOCUPAÇÕES, REVELAM ACERCA DO LUTO, DA MORTE

“Mais difícil do que viver a dor da perda, é vivê-la sozinho.” (MELO, 1999, p. 111)

Os 23 (vinte e três) artigos que compõem o escopo deste estudo foram selecionados em incursão feita a partir das expressões já citadas, na base eletrônica da Scielo. Trata-se de um estudo do tipo estado do conhecimento, que objetivou explicitar os anúncios e os silenciamentos acerca da temática morte, do morrer, das perdas e do luto, em atenção à criança e à infância vinculada à Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como a formação Inicial e Continuada dos professores.

A análise e interpretação dos dados captados e estudados apoiaram-se nas contribuições da Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (1979) e Trivinõs (1987). As categorias definidas *a posteriori* ancoram-se na pré-análise, leitura integral dos artigos selecionados, identificando o vínculo com os objetivos do estudo, dando-lhe o destaque. Na sequência, definiram-se os entendimentos em categorias, realizando a denominada análise categorial. Feitos os destaques da pré-análise, agrupamos os entendimentos fazendo as aproximações e definindo as categorias. No terceiro momento (análise inferencial), definidas as categorias, realizamos as inferências teóricas, respondendo a indagação traçada pelo problema deste estudo.

Foram definidas 03 (três) categorias descritas a seguir: (5.1) Abordagens e processos de luto: percepções e sinalizações; (5.2) Áreas, instituições e pesquisadores; (5.3) Movimentos formativos: Reflexões e sinalizações.

4.1 ABORDAGENS DOS PROCESSOS DE MORTE, PERDAS E DE LUTO: PERCEPÇÕES E SINALIZAÇÕES

Entende-se que é necessário destacar que a concepção, de morte é múltipla, diversa e heterogênea. As diferenças e especificidades traçadas e apresentadas vinculam-se a vários fatores, tais como: idade, cultura, religião, elos familiares, dentre outras singularidades.

Roazzi, Dias e Roazzi (2010) destacam em seu estudo várias representações do que vem a ser e de como pode ser compreendida a morte. Tais entendimentos podem supor diversas interpretações, dependendo da análise pessoal, das etapas e estágios da vida, assim como dos hábitos dominantes e/ou mesmo da fé do sujeito.

[...] tem se estudado a compreensão de quatro aspectos da biologia do processo: (a) Universalidade: a compreensão que todos os seres vivos devem morrer um dia; (b) Irreversibilidade: o fato de que uma vez morto, não pode voltar à vida; (c) Cessação da vida corporal: a compreensão que a morte envolve o fim de todas as funções corporais e dos órgãos; e (d) Causalidade: a noção de que é precisamente a cessação das funções corporais que causa a morte (BRENT et al., 1996; TORRES, 1979, s.p.).²

A dimensão biológica em suas múltiplas interfaces talvez seja uma das compreensões racionais que mais choca as crianças, dada a sensação de finitude descrita, sem muitas possibilidades de interlocução, embora há de se considerar que sejam reais. Kovács (2012) destaca que no contexto escolar este é um tema pouco explorado, aponta a escassez de materiais científicos a serem trabalhados, por outro lado, destaca igualmente que as crianças ao mesmo tempo em que são poupadas das discussões, reflexivamente têm contato com imagens de morte com situações de violência através dos meios de comunicação e/ou de outras cenas no cotidiano. Em contribuições anteriores a própria autora denomina este fenômeno de mortes escancaradas, particularmente nas periferias dos grandes centros decorrentes da violência, de ações policiais e/ou mesmo na publicidade feita pelos noticiários.

Ainda integrando os estudos feitos acerca de poupar as crianças de assuntos difíceis limitando-as a alegrias, Kovács (2016) destaca que assuntos desta natureza não podem ser silenciados diante das crianças. Neste sentido, Kirchof e Silveira (2018, p. 6) contribuem igualmente destacando “[...] a morte se tornou um tema supostamente difícil, tornando-se tabu para o público infantil pois acredita-se que as crianças não estariam preparadas para lidar com um tema que remete a tristeza e descontentamento”. A problematização feita evidencia que negar o tema não significa privar as crianças da vivência da dor, da perda e das elaborações que se fazem necessárias. É válido destacar que tendo em vista a não aceitação da perda, afastar e ou excluir as crianças do tema da morte como se elas não fossem vivenciar experiências de

² Todas os excertos provenientes dos estudos acessados, (Apêndice A) constam no texto em itálico.

perdas ao longo da vida, cerceiam as elaborações do luto, tornando o processo cada vez mais complexo para as crianças.

O luto é caracterizado como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, portanto um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. Nesse contexto, por se tratar de um evento constante, acaba implicando diretamente no trabalho de profissionais da saúde[não só], tornando-se um conhecimento necessário para o amparo adequado àqueles que sofrem a perda. (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013, p. 8)

Através dos estudos efetuados, os autores citados anunciam a necessidade de vincular o processo vivido a outros fatores, tais como as próprias limitações do luto, reiterando que se faz necessário conhecimento para propiciar o amparo necessário.

A ideia de luto não se limita apenas à morte, mas o enfrentamento das sucessivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano. Deste modo, pode ser vivenciado por meio de perdas que perpassam pela dimensão física e psíquica, como os elos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares do indivíduo. (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013, p. 8)

A multiplicidade de barreiras que precisam ser suplantadas em razão de vivências e/ou elaborações do luto impactam em processos físicos e psíquicos além da reconstituição dos elos rompidos com a morte e as perdas sentidas e vividas. Viver e crescer constituiu-se para a criança um intenso processo de dores e superações, reativadas constantemente.

O simples ato de crescer, como no caso de uma criança que se torna adolescente, vem com uma dolorosa abdicação do corpo infantil e suas significações, igualmente, o declínio das funções orgânicas advindo com o envelhecimento. A capacidade de o indivíduo, desde a infância, se adaptar às novas realidades produzidas diante das perdas servirá como modelo, compondo um repertório, reativado em experiências ulteriores. (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013, p. 88)

Se considerada a sincronia da multiplicidade de processos que gerenciam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, entendemos que suas necessidades emocionais não podem permanecer guardadas, sem a abertura de espaços que lhe permitam viver a alegria e a dor de acordo com a dinâmica de sua vida, olhando-as com todo o cuidado possível e necessário.

Sufrimento e tristeza não são doenças. Não se deve patologizar o luto. Todo luto precisa ser olhado, apesar de nem todos os enlutados necessitarem de cuidado, o que ressalta a necessidade da existência de espaço a ser utilizado por aqueles que demandarem atenção. Ofertar cuidado ao enlutado auxilia no processo de elaboração das famílias, no resgate de prazer e continuidade da vida de quem permaneceu. (ACIOLE; BERGAMO, 2019, s.p.)

O cuidado destinado ao enlutado na vivência e na elaboração da dor contribui sobremaneira com a continuidade dos processos impactados pela perda do ente querido. Estamos aqui nos ocupando especificamente da criança, das suas elaborações de luto, no entanto, ninguém dá o que não tem, o que não recebeu em seu processo formativo. Esta afirmação dá ancoragem a uma das contribuições de Cardoso e Santos (2017), as quais assinalam a necessidade de que os Cursos de formação de professores, se ocupem de intervenções desta natureza, constituindo processos crítico-reflexivos, de modo a dar visibilidade a estudos desta natureza.

Uma sugestão para enfrentar esse problema é investir na expansão do trabalho educativo junto a docentes e supervisores da área da saúde e educação, assim como dialogar para além do meio profissional e acadêmico, para que se possam alcançar outros setores da vida comunitária. (CARDOSO; SANTOS, 2017, p. 511)

A superação das contradições, mitos e paradoxos que circunscrevem o tema morte e suas singularidades na sociedade contemporânea, e particularmente na escola, precisam superar as fantasias, as dificuldades relatadas pelos professores por compromissos éticos de zelo e compromisso para com o desenvolvimento integral das crianças.

*A presença, natural ou imposta, do tema perdas e morte na vida das crianças aponta a necessidade de que o assunto seja abordado nas escolas, enquanto questão importante na educação para a vida dos alunos. Todavia, muitas vezes existem receios por parte dos professores, seja pela insegurança em relação a **como fazer essa abordagem e à ausência de respostas para os questionamentos que possam surgir, seja pelo receio de ultrapassar limites entre o que se supõe ser o seu papel e o papel da família.** (CARDOSO; SANTOS, 2017, p. 16)*

Os receios decorrentes da ausência de suporte formativo, subsidiada por conhecimentos científicos, são privilégio da escola e dos professores, igualmente não podemos fazer a mesma afirmação no que tange aos pais que, na maioria das vezes, são vítimas de uma sociedade excludente que os fez escolher entre a escola e a profissão. Obviamente, sem generalização, o alcance desta afirmação é referência aos nossos compromissos enquanto instituição cuja função social é possibilitar acesso ao conhecimento historicamente produzido pela humanidade em suas múltiplas dimensões.

Kovács (2016) reiterou a necessidade da empatia, da mediação, do compromisso ético, como facilitadores em diálogos sobre a morte e as elaborações consequentes. O argumento do despreparo precisa ser superado pelo compromisso, pela sensibilidade, pela escuta, pelo aprender sempre e pela disponibilidade de buscar o que se faz necessário como desafio diário,

sob o argumento de que não existem receitas prontas e se existem nem sempre são eficientes para se constituir enquanto ferramenta de resposta.

O preparo é compreendido como possibilidade de questionamento, autoconhecimento, sensibilização e abertura pessoal e não como oferta de receitas padronizadas para lidar com estas situações. Educadores acreditam que não seja sua função abordar o tema da morte. Não há consenso entre a proposta de inclusão da questão da morte no programa didático ou como espaço de acolhimento, discussão e reflexão quando da sua ocorrência na escola com alunos e funcionários. (KOVÁCS, 2016, p. 40)

Concebendo e assumindo a escola enquanto espaço de socialização, de aprendizagem, de ensino, de trocas constantes, mediadas pelos diferentes interlocutores a ela vinculados, a autora sinaliza que a formação continuada dos professores aborda a temática de relevante contribuição para as crianças e para os seus familiares. Seguramente a temática requer múltiplos olhares, razão pela qual defendemos os processos interdisciplinares e multiprofissionais, de modo que ao olhar para as perdas, aprendamos uns com os outros.

Segundo Kirchof e Silveira (2018), desde o século XIX, em decorrência do fortalecimento da visão burguesa de infância, a proteção e cuidado com as crianças, fora frágil quanto aos cuidados e proteção. *“Por outro lado, nos últimos anos, ao menos no mercado editorial, tal concepção vem se modificando radicalmente, pois a morte parece ter se transformado em um tema não apenas aceitável, mas inclusive recomendável para ser abordado em livros infantis”* (KIRCHOF; SILVEIRA, 2018, p. 60). Os autores afirmam ainda que *“[...] a cultura da mídia televisiva oferece grande influência sobre as representações prévias que as crianças possuem sobre a morte, tanto em termos imagéticos quanto conceituais representando a morte como uma entidade a ser temida”* (KIRCHOF; SILVEIRA, 2018, p. 66-67).

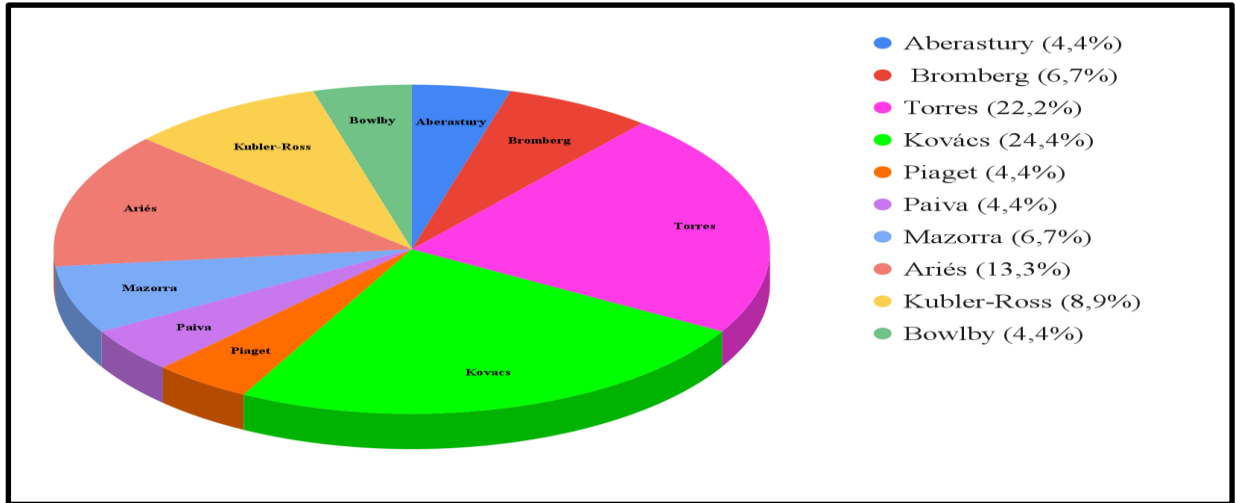
4.2 ÁREAS, INSTITUIÇÕES E PROFISSIONAIS INQUIETOS(AS) ANTE A TEMÁTICA

Dentre as áreas descritas nos estudos acessados a que mais se revelou inquieta foi a Psicologia, com 82,6% dos trabalhos, dado já apresentado no caminho metodológico no início deste estudo, seguida pela área da Educação 8.7%, pelas Ciências Sociais e pela Medicina, com percentuais igualmente pequenos.

Outro aspecto que ousamos buscar nos estudos catalogados, foram os autores, que mais tem se ocupado desta singularidade, os quais apresentam-se recorrentes nos referenciais utilizados pelos autores dos estudos, descritos no quadro sinóptico. Considerando os 23 artigos

(Apêndice A), extraídos da base eletrônica da Scielo, os autores mais recorrentes foram Kovács, com 24.4% e Torres 22.2%, seguidos com outros autores, de acordo com o gráfico 2.

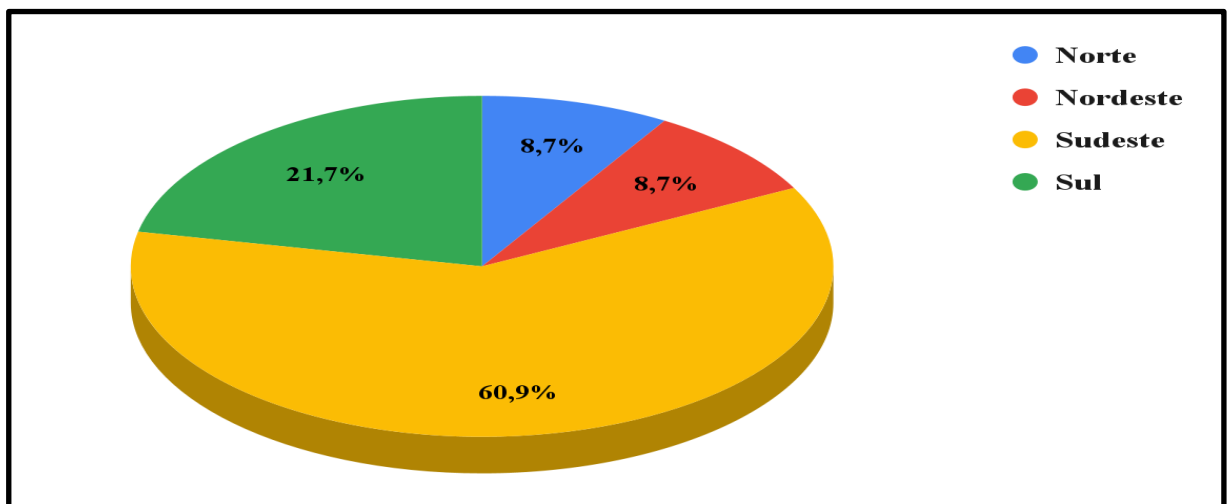
GRÁFICO 2 - AUTORES RECORRENTES NAS PRODUÇÕES CATALOGADAS



Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir dos estudos selecionados (2021).

Outro exercício inerente a esta busca, foi igualmente localizar as regiões inquietas do país, em relação ao tema. De acordo com a proveniência dos autores efetuada com base nas instituições de vínculo destes, situamos o que está representado no gráfico 3. A região de maior inquietude é a região Sudeste do país, seguida pela região Sul e de forma igual, as regiões Norte e Nordeste. Não localizamos nenhum estudo na região Centro Oeste, na fonte buscada. Cabe-nos indagar, o que justifica este silenciamento? Pergunta essa que permanece como compromisso em outros exercícios desta natureza e ou similares.

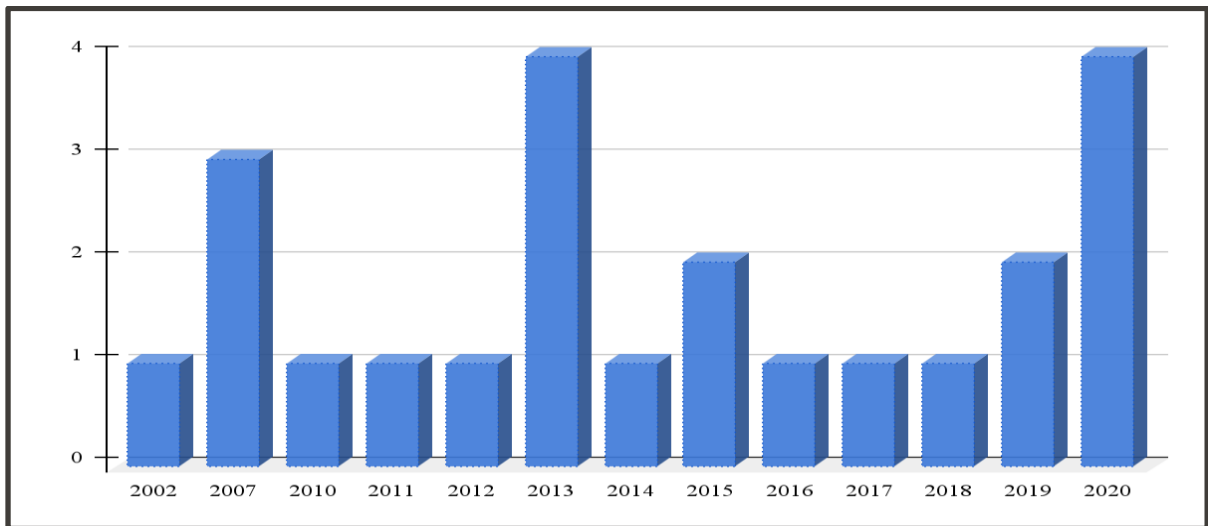
GRÁFICO 3 - DEMONSTRATIVO DA PRODUÇÃO DE ARTIGOS POR REGIÃO



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos estudos selecionados (2021).

Outra questão, da qual nos ocupamos nesta busca foi a distribuição da produção, no recorte temporal evidenciado: o período 2000 a 2020. A seleção deste período, ancora-se nos desafios do novo século e das marcas no período pandêmico, ainda vigente.

GRÁFICO 4 - QUANTITATIVO DE ARTIGOS, PUBLICADOS POR ANO, NO RECORTE TEMPORAL



Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir dos estudos selecionados (2021).

O podemos destacar nesta representação gráfica, é que em 2013 e 2020, na base eletrônica selecionada, com as expressões de busca igualmente selecionadas, foram localizados 04(quatro) trabalhos em cada ano citado. Em 2007, localizamos 03(três) trabalhos relativos à discussão; em 2015 e 2019, 02(dois) trabalhos. Embora em alguns anos não foram localizados trabalhos, ainda assim, podemos destacar uma presença ainda tênue da discussão.

No quantitativo descrito graficamente, situamos o leitor de forma ilustrativa acerca do que intencionamos. Na sequência apresentamos, alguns indicadores expressos nos processos reflexivos que permeiam as produções catalogadas.

4.3 MOVIMENTOS FORMATIVOS: REFLEXÕES E SINALIZAÇÕES

O acesso aos estudos selecionados como campo empírico deste estudo nos permitem afirmar que o tema da morte é pouco e/ou raramente abordado nas escolas e nas instituições de Educação Infantil. Deveria ocupar um lugar de destaque, de acordo com Alves e Kovács (2016), porém, ainda é encarado como tema proibido e silenciado. As autoras apontam para as consequências de um luto não elaborado, cujos esclarecimentos precisam ser dados às crianças

ajudando-as a entender e/ou a enfrentar seus medos diante do desconhecido. É destacado igualmente que a bibliografia sobre esta questão é escassa.

Outro aspecto evidenciado pelas autoras são os sintomas decorrentes das perdas não elaboradas e ou mal elaboradas entre as crianças.

A perda de pessoas próximas remete a criança à própria morte e dos seus e pode trazer problemas escolares, sintomas físicos e psíquicos, ansiedade e baixa autoestima. Falar sobre as perdas auxilia no enfrentamento dos medos que podem surgir, porém familiares, educadores e profissionais geralmente têm dificuldades em abordar o tema. (ALVES; KOVÁCS, 2016, p. 403)

Em seus estudos, Lima e Kovács (2011) destacam a importância de a própria família da criança abordar a questão da morte e o despreparo dos adultos diante das perguntas das crianças e afirmam que:

A comunicação intrafamiliar é vital no curso do processo de luto infantil, uma vez que à elaboração do luto na criança é fortemente influenciada pelo quê e como os responsáveis conversam com ela, pela maneira como lidam com suas expressões emocionais e, no caso da morte de um dos pais, pelo modo como o genitor sobrevivente reage e espera que a criança reaja. (LIMA; KOVÁCS, 2011, p. 393)

De acordo com os documentos acessados foi-nos possível compreender que mesmo os profissionais direta ou indiretamente envolvidos com situações de morte não abordam estas questões da educação para morte, principalmente com as crianças. Entre os próprios profissionais é possível encontrar resistência em lidar com o assunto, além disso, há poucas reflexões analíticas, as quais contribuem com a elaboração de questões relativas ao tema. Há, outrossim, movimentos interessantes relativos à literatura infantil, que tangenciam imageticamente a temática/problemática.

Kovács (2012) destaca em um dos seus estudos que a alegação dos professores é de que se sentem desconfortáveis em abordar o tema, de que o currículo já está posto e que há pouca margem para mudanças além do previsto e que esta tarefa não lhes caberia, fazendo-se necessária a participação de profissionais especializados.

Destacamos outrossim, que para os processos de intervenção e de acolhimento acerca da abordagem do tema nas escolas e nos processos educativos, não há um passo a passo a ser definido, de modo que a morte, as perdas e o luto perpassam a sensibilidade e a abertura constante de diálogos. Segundo apontam as autoras Lima e Kovács (2011):

Em muitos momentos, não se sabe como agir, não se tem as respostas ou não se encontram as palavras adequadas ou suficientes; nessas horas, um afago, um abraço

apertado, a troca de carinhos pode fazer toda diferença. (LIMA; KOVÁCS, 2011, p. 391)

Outro elemento que corrobora para que os educadores não se sintam capacitados para abordar o tema da morte é que nas organizações de ensino, a morte ainda não é vista como tema a ser considerado e, segundo Kovács (2012,p.7), “a tamanha incapacidade desses profissionais se dá ao fato, de não terem sido preparados durante a sua formação”.

A sugestão da autora é que família e escola trabalhem juntos, buscando por meio da comunicação, sensibilização e abertura pessoal, encontrar caminhos, facilitando assim a abordagem da morte, das perdas e a vivência do luto com e junto às crianças.

Em suma, se o luto pela morte de alguém ou pela perda de algo significativo para o sujeito faz parte da vida, a escola não deve fechar-se às ressonâncias que essa vivência emocional repercute dentro do seu ambiente. Desse modo, consegue-se permitir que a educação se encontre como um campo que une as dimensões éticas, experienciais, políticas e emocionais que compõem o sujeito. (GIARETTON; OLESIAK; MUNCHEN; QUINTANA, 2020, p. 8)

Ao compreendermos que a educação e suas interfaces se encontram pelas suas dimensões éticas, experienciais, políticas e emocionais do sujeito, reafirmamos a função social da escola, atenta às singularidades da vida de todo e qualquer sujeito que dela participa. Nesta perspectiva, reiteramos que nossa busca num momento tão complexo quanto o vivido possa contribuir para fortalecer a sensibilidade, o cuidado e a corresponsabilidade social demandada na contemporaneidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a vida e a morte estão intrinsecamente ligadas e que não há como separar uma da outra, o desafio a ser assumido é que as crianças vivenciam alegrias e tristezas, ganhos e perdas, não apenas na concretude da morte/luto que vai da perda de um animal de estimação a morte de seus entes queridos. Há igualmente outros tipos de mortes/lutos, as quais são simbólicas, como por exemplo, mudança de escola, troca de professores, perdas da capacidade intelectual, entre outras situações que causam dor e conflito, cujas elaborações requerem sensibilidade e cuidado.

A educação, pelo menos teoricamente, considera essas experiências inerentes ao ser humano, da vida, morte e do luto, como perspectivas que auxiliam o processo de desenvolvimento e aprendizagem não apenas pelos conteúdos escolares, mas em situações da vida. Entretanto, o tema da morte no contexto escolar ainda é incipiente e visto como certa surpresa, justificado mormente, pelo número reduzido de produções, pela carência de olhares e compromissos formativos, dentre os quais podemos destacar a juvenildade da produção.

De acordo com o proposto nos estudos de Kovács (2003) e Paiva (2011), os quais compactuam a escassez de trabalhos voltados ao tema e suas interfaces, assim como o despreparo dos profissionais da educação para tal, estes enfatizam que, tanto a vida quanto a morte, fazem parte do ciclo da vital de todo e qualquer sujeito. Paiva (2011), faz uma ressalva:

Em minha opinião, como a vida e a morte fazem parte do ciclo vital, enquanto as perdas fazem parte do cotidiano de qualquer um, essas questões devem ser tratadas no âmbito social. No entanto, vários trabalhos realizados nas áreas da saúde e da educação apontam para a falta de preparo dos profissionais para lidar com situações de morte, perda, luto e sofrimento. (PAIVA, 2011, p. 62)

Poderíamos indagar: Porque a falta de preparo? Como alguém pode preparar-se para a morte e ou para a perda de alguém, de algo relevante em sua vida? Santos(2009) aponta para o motivo de existir uma lacuna imensa entre o tema da morte e as instituições de ensino e os fatores são: a precária formação dos educadores para abordar o tema; a massificação da formação, que acaba por não fornecer espaços para reflexões, e, por fim, a dinâmica da família das crianças, que tende a barrar o assunto.

A pandemia vivida e em processos de vivência, neste ano de 2022, aparentemente trouxe um anestesiamiento da terminalidade e o apagamento de fronteiras. Silenciamento esse, expresso pela ausência de rituais de despedida, em decorrência das exigências sanitárias. Como explicar às crianças e como auxiliá-las neste processo de desaparecimento? De não vivência

dos rituais? Compreendemos ser esta uma situação cruel e real, longe de ser um jogo de faz de contas. Porque os rituais foram pausados? O que as pausas dos rituais calaram? O que cada cultura carrega consigo, como acompanhar, compreender e dar conseqüências à dor? Que causas e conseqüências dos traumas vividos, estão forjando, novas sensibilidades e cuidados com a vida e com os rituais de morte? Muitas indagações nos acompanham e nos acompanharão de ora em diante, como podemos assumir cooperativamente e coletivamente o desafio desta realidade e suas contradições?

Entendemos oportuno destacar a finitude da vida, tão natural, quanto necessário no e para o processo de germinação, porém, tanto quanto complexo! O cumprimento dos rituais de morte são importantes para o fechamento dos ciclos, e como o contexto da pandemia interrompeu esse processo, a escola tornou-se um espaço potente, principalmente nos processos de formação inicial e continuada de professores. Que olhos e que olhares destinamos a esta particularidade: a morte, o luto, a dor, as perdas. A literatura pode vir a ser uma forte aliada neste processo para trazer à tona temas tão delicados e importantes, tais como, o que propomos: a vida, a morte e o luto pensando no entendimento, acolhimento e conforto.

Vimos ser a área da Psicologia, a mais inquieta, por contribuir para com os profissionais da educação. Ao chamar atenção para a importância do tema, articulando-o a formação humana integral e considerando a empatia e o acolhimento, como cuidados éticos e ou melindrar o trabalho terapêutico, o trabalho psicológico, realizado pelos psicólogos, clama ao mesmo tempo, pelo trabalho pedagógico, que é dever dos professores.

Os textos acessados, podem nos ajudar a olhar enquanto pedagogas e enquanto profissionais que lidam com a vida no seu início e que podem lidar com a vida também no seu término, tal qual as ocupações que emergem em relação à pedagogia do envelhecimento. Aliás, não existem apenas os dois extremos, mas o caminho intermediário que igualmente percorremos para alcançar o final, ou a finitude da vida, independentemente da idade e que isso possa vir a ocorrer e com quer que seja.

Considerando os objetivos que dirigiram este estudo, destacamos que desejamos buscar contribuições teórico/metodológicas atentas a esta especificidade formativa, em áreas, profissionais distintas, pesquisadores inquietos ante à problemática da morte, das perdas e do luto, em diferentes perspectivas e em atenção às singularidades da infância e das crianças, de modo que essas viessem a contribuir com a formação de professores, principalmente os /as pedagogos/as. Para isso nos propomos construir o quadro sinóptico dando destaque às temáticas, autores, inquietudes amparados na base eletrônica da Scielo, e assim o fizemos.

Outra contribuição que emergiu deste exercício de iniciação científica, proposto pelo Curso de Pedagogia, ancora-se na necessidade de ampliar o lastro formativo dos profissionais da educação ante os desafios provenientes do impacto da pandemia da *Covid-19* e suas interfaces, o fortalecimento do ensino interdisciplinar e interprofissional, em atenção à alfabetização científica, demandada em tempos de negação da ciência.

Nesta perspectiva formativa, destacamos que este exercício ainda que inicial, nos permitiu compreender que a identificação das necessidades de formação dos profissionais da educação e dos interlocutores que dialogam com a perspectiva da formação integral do ser humano, precisa ser fortalecida, principalmente diante das situações de conflito, contradições e dores vividas e/ou vivenciadas pela humanidade, como as que vivemos na pandemia vigente e que atingiu frontalmente nossas instituições educacionais.

Algumas (muitas), outras questões emergiram em decorrência deste estudo, as quais permanecem e sugerem a continuidade de estudos, acerca do tema/problema e suas interfaces: Como o Curso de Pedagogia pode vir a abordar a questão, da morte, das perdas, do luto, do viver e do morrer, como processos educativos? Qual o lugar da emoção na escola? Por que esta problemática tem sido silenciada no curso e nas instituições educacionais? Por que a medicina, não se destaca no estudo da temática, dada a proximidade dos extremos: vida e morte? Que processos formativos existem na Universidade Federal da Fronteira Sul e/ou em outras instituições de ensino superior da região, que podem ser compartilhados, junto aos profissionais da educação básica? Como os Cursos de Formação de Professores, podem fortalecer seus laços junto às comunidades, que justificam sua existência, ocupando-se de estudos tais como a morte, o luto, as perdas, etc? Qual o papel das políticas educacionais e do currículo escolar frente à temática, tanto da educação superior como da educação básica? O que dizem os estudos nacionais, publicados em outras bases eletrônicas disponíveis, acerca do tema/problema deste estudo? Estas e outras questões, podem vir a se constituir em compromissos com a continuidade de processos via ensino, pesquisa e extensão, em diferentes espaços, contextos e lugares.

6.REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1979.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto; BONFIM, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, dez. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1415-88092013000200007 & lng= pt\ nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso)>

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas estados da arte. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsychSBW4xJT48FfrdCtqfp/abstract/?lang=pt>.

FRANCO, M. H. P. Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Estudos avançados sobre o luto**. Campinas: Livro Pleno, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel. **A escola**: uma questão pública. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

KOVÁCS, Maria Júlia. Curso psicologia da morte: educação para a morte em ação. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 36, n. 91, p. 400-417, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000200010

_____. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV%C3%81CS%2C%20M.%20J.%20-%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano.pdf

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução Paulo Menezes. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LÔBO, R. L.; ANGHEBEM, N. A. A morte e o morrer: análise e percepção dos acadêmicos de enfermagem. **Revista de medicina e saúde de Brasília**, 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/4746>

MELO, C. V. **O significado da morte nas diferentes etapas da vida humana**. 2004. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília. 2004

MELO, A.F.T. **A vida, o olhar e o sentir maternos em distrofia muscular do tipo duchenne**. 1999. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

PAIVA, Lucinei Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças**: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Aparecida, SP: Editora Ideias & Letras. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/31568293/A_arte_de_falar_da_morte_para_c_Lucelia_Elizabeth_Paiva. Acesso em: 10 nov. 2021

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. Tradução Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo: Summus, 1998.

PARKES, C. M. **Amor e perda**: as raízes do luto e suas complicações. Tradução de Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2009.

RENTE, M. A. D. M.; MERHY, E. E. Luto e não-violência em tempo de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver. **Dossiê Psicol. Soc.**, v. 32, 2020. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bL9QtLxWKVL8VysmnnWNNMk/?lang=pt>

RODRIGUEZ, Cláudia Fernanda. **Falando de morte na escola**: o que os educadores têm a dizer? 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22072010-083807/publico/rodriguez_do.pdf

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TORRES, Wilma Costa. O conceito de morte na criança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 31, n. 4, p. 9-34, 1979. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239/16986>.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa na educação**-São Paulo: Atlas, 1987.

6.1.REFERÊNCIAS DOS ESTUDOS CATALOGADOS

ACIOLE, Giovanni Gurgel; BERGAMO, Daniela Carvalho. Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 122, p. 805-818, jul./set. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Tkwg7QgrTqbHqySsxw8hJZf/abstract/?lang=pt>. DOI: 10.1590/0103-1104201912212

AFONSO, Selene B. C; MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 9, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/r6v4mjCXnj8RYrdFktJ5z3J/?lang=pt&format=pdf>.

ALVES, E. G. D. R; KOVÁCS, M. J. Morte de aluno: luto na escola. *Psicol. Esc. Educ.*, v. 20, n. 2, may/aug. 2016. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202990>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/Btw68yg55sTDDJBVPhkM5pd/?lang=pt>

CARDOSO, E. O.; SANTOS, M. A. Grupo de Educação para a Morte: uma Estratégia Complementar à Formação Acadêmica do Profissional de Saúde. *Psicol. Ciênc. Prof.* (Impr.) v. 37, n. 2, apr./jun. 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002792015>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/TTsZ8kNNMvyhqNhFD9ZFGFn/abstract/?lang=pt>

CREPALDI, M. A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D. S.; BOLZE, S. D. A.; GABARRA, L. M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Seção Temática: Contribuições da Psicologia no Contexto da Pandemia da COVID-19. *Estud. psicol.*, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?lang=pt>

FUHR, I. L. O professor e sua responsabilidade na sociedade contemporânea. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, n. esp, p. 199-203, 30 jun. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/8v6hnJVJcjt84qmxQS7vYdn/?lang=pt>

FRANCO, M. H. P; MAZORRA. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. psicol.*, Campinas, v. 24, n. 4, dez. 2007. • <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yhbQfWtKqLhF7g5m8pyjP4G/?lang=pt>

GIARETTON, D. W. L.; OLESIAK, L. D. R.; MUNCHEN, M. A. B.; QUINTANA, A. B. A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, e250035, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FJ3gwgKxR4Cbks8tNkG8tD/?lang=pt>

JÚCA, V.J.D.S.; SILVA, A.C.N.; PASSOS, C. M.; CASTRO, G.A.; MELO, G. B.; TORTERELLA, I.D.J.; SENA, I. D. J.; SOUZA, J. D. A.; OLIVEIRA, L.; LIMA, P.;

SAMPAIO, R. O.; REIS, S. Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social- um estudo com crianças pré-escolares, seus pais e professores.

Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 2, p. 122-130, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/BhpqZsFyTsQ8dsxySqG8tQc/?lang=pt&format=pdf>

KIRCHOF, Edgar Roberto; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. O pato, a morte e a tulipa - Leitura e discussão de um livro ilustrado desafiador com alunos dos anos iniciais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 57-76, nov./dez. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/DGhvSgbTPYXxbwHpxrPVd4g/?lang=pt&format=pdf>.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. **Cad. CRH** 27, v. 72, dez. 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000300010>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/67MkfspntYm9kBcgTss9nMx/?lang=pt>

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/gvYZXXFXmV89Jq66KmvcWJf/?format=pdf&lang=pt>.

LIMA, V. R.; KOVÁCS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, v. 31, n. 2, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/L3xKm8W96yYnCMb3JF6RDZq/?lang=pt&format=pdf>

NENO, I.; TADA, C.; KOVÁCS, M. J. Conversando Sobre a Morte e o Morrer na Área da Deficiência. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, v. 27, n. 1, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/fndTsygNFHHgDHRQ7TvDwkb/?lang=pt&format=pdf>

NUNES, D. C.; CARRARO, L.; JOU, G.I.; SPERB, T.M. As crianças e o conceito de morte. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 11, n. 3, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300015>.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/w8xdHGLRwh5mKHqzTYNMSNf/?lang=pt#>

OLIVEIRA, E. A.; SANTOS, M. A.; MASTROPIETRO, A. P. Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida. **Artigos, Psicol. Estud.**, v. 15, n. 2, jun. 2010.

<https://www.scielo.br/j/pe/a/jBbdHnWKHtPVjqSnRrKtK4k/abstract/?lang=pt>

PEREIRA, J. C. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n 9, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/CPSxLkK7MbnhPkT6ZBjNxqF/?format=pdf&lang=pt>

PRUDÊNCIO, L. E. V.; GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; CORD, D. Expectativas de educadores sobre a atuação do psicólogo escolar: relato de pesquisa. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), v. 19, n. 1, jan./apr. 2015. • <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191814>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/ZkMD3T9PWgdPpdxJW8hmYxQ/abstract/?lang=pt>

ROAZZI, Maira Monteiro, Dias, Maria da Graça Bompastor Borges e Roazzi, Antonio. Mais ou menos morto: explorações sobre a formação do conceito de morte em crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica [online]**, v. 23, n. 3, pp. 485-495, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300009>>.

SENGIK, Aline Sberse; Ramos, Flávia Brocchetto. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 379-387. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dpNgmLwyLTrmYqHG4T3zByj/?lang=pt&format=pdf>.

SENKI, A. S.; RAMOS, F. B. Literatura como instrumento de discussão acerca da morte. **Psic. da Ed.**, São Paulo, n. 41, 2 sem. de 2015, pp. 119-126. DOI: 10.5935/2175-3520.20150019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/HFVJT5gN4Nfx7PqjfRY9CrR/?format=pdf&lang=pt>.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psic.: Teor. e Pesq.**, n. 35, 2019, <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRJL4J8xg/?lang=pt>

APÊNDICE A

Nº	Título	Autor	Ano	IES/INST	Região	Gênero Acad.	Expressões de busca	Base
1	As crianças e o conceito de morte	Deise Cardoso Nunes; Luciane Carraro; Graciela Inchausti de Jou; Tânia Mara Sperb	2002	Instituto de Psicologia - UFRGS	SUL	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
2	Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social - um estudo com crianças pré-escolares, seus pais e professores, seus pais e professores	Ana Carla Nunes da Silva Cecília Mello Passos Gabriela Alves de Castro Geisa Bastos Melo Isabele Tortorella	2007	FAC.JORGE AMADO/BA	NORDESTE	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
3	Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência	Iracema Neno Cecilio Tada Maria julia kovács	2007	UFRO/RO USP/SP	NORTE E SUDESTE	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
4	Mais ou Menos Morto: Explorações sobre a Formação do Conceito de Morte em Crianças	Maira Monteiro Roazzi, Maria da Graça Bompastor Borges Dias, & Antonio Roazzi	2010	UFPE/PE	NORDESTE	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
5	Morte na Família: Um estudo exploratório acerca da comunicação a criança	Vanessa Rodrigues de Lima e Maria Julia Kovács	2011	USP/SP	SUDESTE	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
6	Educadores e a morte	Maria julia Kovács	2012	ABPEE.	SUDESTE	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
7	Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross	Selene Beviláqua Chaves Afonso; Maria Cecília de Souza Minayo	2013	Inst.Fernandes Figueira, FIOCRUZ.	SUDESTE	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
8	Concepção de morte na infância	Aline Sberse Sengik e Flávia Brocchetto Ramos	2013	UCS/RS	SUL	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
9	Procedimentos para lidar com o tabu da morte	José Carlos Pereira	2013	PUC/SP	SUDESTE	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
10	Literatura como instrumento de discussão acerca da morte	Aline Sberse Sengik Flávia Brocchetto Ramos	2015	UCS/RS	SUL	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO

11	O pato, a morte e a tulipa	Edgar Roberto Kirchof Rosa Maria Hessel Silveira	2018	ULBRA/RS	SUL	ARTIGO	Morte, criança	SCIELO
12	Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor	Maria Helena Pereira FRANCO Luciana MAZORRA	2007	PUC/SP	SUDESTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
13	Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida	Érika Arantes de Oliveira; Manoel Antônio dos Santos; Ana Paula Mastropietro	2010	USP/SP	SUDESTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
14	O luto no Brasil no final do século XX	Mauro Guilherme Pinheiro Koury	2014	UFPB/PB	NORDESTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
15	Morte de aluno: luto na escola	Elaine Gomes dos Reis Alves Maria Júlia Kovács	2016	USP/SP	SUDESTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
16	Grupo de Educação para a Morte: uma Estratégia Complementar à Formação Acadêmica do Profissional de Saúde	Érika Arantes Oliveira Cardoso Manoel Antônio dos Santos	2017	USP/SP	SUDESTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
17	Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária	Giovanni Gurgel Aciole, Daniela Carvalho Bergamo	2019	UFSCAR/SP	SUDESTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
18	Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções	Christiane Pantoja de Souza & Airla Miranda de Souza	2019	UFPA/PA	NORTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
19	A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio	Daynah Waihrich Leal Giaretton Luísa da Rosa Olesiak Mikaela Aline Bade MünchenI Alberto Manuel Quintana	2020	UFSM/RS	SUL	ARTIGO	Luto	SCIELO

20	Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver	Maria Angelica de Melo Rente e Emerson Elias Merhy	2020	UFRJ/RJ	SUDESTE	DOSSIÊ	Luto	SCIELO
21	Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas	Maria Aparecida Crepaldi, Beatriz Schmidt, Débora da Silva Noal, Simone Dill Azeredo Bolze, Letícia Macedo Gabarra	2020	PUC/ CAMPINAS	SUDESTE	ARTIGO	Luto	SCIELO
22	Expectativas de educadores sobre a atuação do psicólogo escolar: relato de pesquisa	Luísa Evangelista Vieira Prudêncio Marivete Gesser Leandro Castro Oltramari Denise Cord	2015	UFSC/SC	SUDESTE	ARTIGO	Formação de professores	SCIELO
23	O professor e sua responsabilidade na sociedade contemporânea	Ingrid Lilian Fuhr	2020	UFF/RJ	SUDESTE	ARTIGO	Formação de professores	SCIELO